

TERROR NEGRO

Era uma dessas típicas noites de lua cheia e céu cheio de nuvens.

Na hora eu não sabia porquê, mas, já estava com maus pressentimentos.

Fui até o quarto, peguei a minha arma e acendi um maldito cigarro. (Preciso parar de fumar).

O telefone tocou e eu, pensando que era minha esposa atendi.

Não era.

-Ei Jack! Aqui quem fala é o Tom. Quando você estiver ouvindo essa gravação, eu provavelmente estarei morto. O fim é inevitável. Estou contaminado com uma doença chamada TERROR NEGRO e não tenho mais que três horas de vida.

“Agora, preste bem atenção: meu corpo não poderá ficar exposto, portanto, eu irei para as cavernas do morcego. Lá, a doença não será transmitida para outras pessoas. Você sabe onde é o lugar. Quero que vá até lá e procure por um detonador que eu deixei na entrada. Acione-o. Ele está ligado a diversas bananas de dinamite que destruirão tudo.”

“Tão logo eu morra, a doença começará a perder o seu poder de contaminação. Mas, mesmo assim, meu corpo deverá ficar longe de tudo e todos durante pelo menos uns cinco meses, por isso, é imprescindível que aquela entrada seja demolida.”

A gravação terminou e eu fiquei segurando o telefone feito um idiota.

Pensei em tudo o que havia ouvido.

Era difícil de acreditar que um sujeito durão como o Tom tivesse feito aquela ligação.

Ele não era o tipo que desistia tão facilmente diante dos problemas.

Porém, uma doença grave é capaz de alterar a disposição do melhor soldado.

Por outro lado, eu mesmo não estava engolindo muito aquela história.

Tudo poderia ser parte de alguma tramóia armada por inimigos do nosso antigo pelotão anti-terrorismo: os ÁGUIAS NEGRAS.

Resolvi xeretar no assunto para saber o quanto daquela história era verdadeira, afinal, eu mesmo nunca ouvira falar de uma doença com o nome de Terror Negro.

Estacionei o carro onde terminava a estrada de terra.

Verifiquei o armamento novamente e me embrenhei pela floresta.

Depois de cortar mato durante duas horas, achei a trilha que levava às cavernas.

Encontrei pelo caminho pegadas que seguramente seriam das botas de Tom.

Tudo indicava que ele estava só.

Cheguei na entrada da caverna e logo encontrei o detonador .

Junto a ele, havia um bilhete

“Jack: Não me procure! Você poderá ser contagiado. Destrua a entrada e vá embora. Adeus. Ass. Tom.”

Aquela história me soava muito estranha.

Olhei o bilhete mais uma vez: a letra e a assinatura conferiam com a do Tom, mas, mesmo assim, eu ainda achava que tinha coisa errada ali.

Resolvi averiguar!

Tudo estava muito certinho para ser verdade.

Acendi minha lanterna e durante mais de uma hora procurei por algum indício de Tom.

Quando já estava quase desistindo, deparei-me com o seu cadáver no chão.

Seu aspecto era grotesco.

Jamais em minha vida imaginei que veria um ser humano em tal estado.

A pele estava completamente negra e, no rosto havia uma expressão de pavor. Dava a impressão de que, antes de morrer, Tom tivesse visto alguma coisa realmente assustadora.

E o cheiro!

Que fedor exalava aquele cadáver em avançado estado de decomposição! A impressão que dava era de que ele já estava ali a semanas...

Não tinha dúvidas que aquele era mesmo o cadáver do Tom.

Na mão direita, estava o anel de ouro usado pelos membros do nosso pelotão.

Agora, eu tinha certeza de que alguma tramóia havia por detrás daquela história.

Não enterrei o cadáver pois o cheiro estava realmente insuportável.

Saí daquelas cavernas procurando por ar fresco pensando no que faria a seguir.

Sem pista ou prova alguma, resolvi dar um pulo na casa do Tom, quem sabe, lá eu encontrasse algo que esclarecesse tão misterioso caso.

Minhas suspeitas de que aquela história não passava de uma grande tramóia se confirmaram quando me deparei com a bagunça que estava a casa.

Um furacão parecia ter passado por ali e colocado tudo de cabeça para baixo.

Alguém estivera procurando algo...

Quem quer que fosse, não havia tocado no esconderijo secreto do Tom sob o assoalho.

Levantei algumas tábuas do chão e encontrei a última agenda secreta do Tom.

Não precisei procurar muito. Olhando suas últimas anotações, deparei-me com uma pista:

MADWELLSON 6 TERROR NEGRO 8907111246

Para mim, aquele número devia ser de algum telefone que, se procurasse nas listas não acharia informações.

Mas haviam outros meios de seguir aquela pista.

Ali mesmo, da casa do Tom, usei o seu computador para, através da internet, acessar arquivos do governo que eu só tinha acesso quando o nosso batalhão ainda funcionava.

Depois que o novo presidente assumira, todos os pelotões especializados de combate ao crime foram desativados.

Mercenários foram proibidos de atuarem e os justiceiros caçados.

Não se contentando com esta nova situação, alguns ex-militares mais radicais decidiram se voltar para a iniciativa privada onde atuariam longe da vigilância exercida pelo governo.

Mesmo acompanhando a realidade do dia a dia onde o poderio bélico dos marginais aumentava cada vez mais, e até, a omissão e corrupção ainda atrapalhavam os órgãos públicos de segurança, eu sempre obedeci a norma e me mantive longe de confusão.

Verificando os dados que a senha que eu usava ainda dava acesso, descobri que MADWELLSON era nome de um agente do governo.

Indaguei-me se o serviço secreto estaria por trás da morte de Tom.

Terror Negro...

Aquele nome ficou martelando a minha cabeça.

O que seria?

Teria de descobrir.

Continuei investigando os arquivos até que ouvi atrás de mim:

-Paradinho aí.

-Não se mecha!

Três soldados muito bem armados apontavam suas metralhadoras na minha direção.

Eu havia bobeadado. Minhas pesquisas clandestinas foram monitoradas e a minha invasão ao sistema descoberta.

Os soldados vestiam roupas anti-radioativas.

Provavelmente, estavam se preparando para algum conflito nuclear.

Levaram-me até um furgão e me isolaram dentro dele.

Não demorou e um gaz foi injetado no compartimento onde eu estava.

Logo desmaiei.

-Desconheço essa bactéria, ela se reproduz a uma velocidade incrível. Destrói as paredes dos vasos por onde passa. Este homem não tem mais que um dia de vida.

-É como calculei. Ele teve contato com Tom. Também está contaminado com o Terror Negro.

-Mas... O que é o Terror Negro?

-Pelo que sei, é uma arma bacteriológica desenvolvida pelas forças armadas. Atinge as pessoas fazendo com que a pele fique toda negra e, depois que morrem, os infectados ainda ficam com uma expressão de pavor no rosto.

-Existem chances de sobrevivência ao contágio?

-Muito remotas mas existem. O Terror Negro pode regredir completamente, caso o paciente tenha uma pequena alteração na estrutura do seu código genético.

-Então podemos esperar...

-Não! Não podemos. O homem de quem ele pegou essa doença pertencia ao antigo pelotão dos ÁGUIAS NEGRAS e pretendia revelar a sua existência à ONU. Esse aí provavelmente deve ter as mesmas intenções. Não podemos permitir. Seu corpo deve ser dissecado enquanto ainda estiver vivo para que possamos conhecer os reais danos causados por esta arma.

-Muito bem. Assim será feito!

Eu ainda me fazia de inconsciente, e pude ouvir toda a conversa dos dois.

Confesso que não gostei nada de saber aquilo, porém, tinha que evitar ser dissecado a qualquer custo!

Havendo a mais remota chance de sobrevivência, eu iria lutar até o final.

Não podia provar a existência daquela arma perante o público.

Até conseguir provas, eu estaria morto.

Minha preocupação era fugir e me esconder do governo.

Foi o que fiz.

Depois de enfrentar muitos perigos e problemas, voltei para as cavernas do morcego e lá, constatei que minha pele já estava quase negra.

Naquele momento, só me restava a esperança de que eu fosse um dos sortudos a ter a tal modificação no código genético.

Só por isso, eu mesmo não acionei a bomba que destruiria a entrada da caverna.

Até o último momento me agarrei à possibilidade de viver. Depois...

Jeremias Maximien estava assistindo um joguinho de futebol.

Depois que o antigo batalhão ao qual pertencera, o dos Águias Negras, fora desativado, passava em casa a maior parte do tempo.

O telefone tocou e ele pensou:

-Quem sabe, não seja alguma coisa para me tirar da monotonia...

Mais do que depressa, ele atendeu.

-Ei Jeremias! Aqui quem fala é o Jack. Quando você estiver ouvindo essa gravação, eu provavelmente estrei morto...
